

Festival do Teatro Brasileiro

Pensamento Crítico

“Porumtriz”: a arte, como a vida, é um constante risco

Por Márcio Bastos

Ao executar um mortal para trás, lembrando seus tempos de ginasta, Beatrice Martins atesta que o movimento não saiu perfeito. "Meu corpo não é o mesmo de 20 anos atrás", diz, mas sem culpabilizar a passagem do tempo. A relação da artista com o corpo, afinal, se transformou de maneira significativa ao longo dos últimos vinte anos. Ex-atleta da Seleção Brasileira de Ginástica, ela teve sua trajetória no esporte interrompida aos 17 anos, quando sofreu um grave acidente de trânsito. Recuperada, encontrou no circo e no teatro veículos para expressar seus anseios, como exprime no espetáculo "Porumtriz", do Coletivo Instrumento de Ver.

Ginastas e circenses compartilham rotinas draconianas, que exigem de seus corpos extrema resistência e força. São corpos, também, expostos constantemente ao risco. Assim, precisam estar constantemente alertas, envolvidos na execução dos movimentos. Porém, enquanto na ginástica, um esporte, o conjunto de regras guia as ações do atleta, o artista é movido por outras forças, ligadas à criatividade e à subjetividade, especialmente no circo contemporâneo.

Essas aproximações e dicotomias são apresentadas com fluidez e uma poética que equilibra dor, celebração e superação. Beatrice, com o auxílio da direção, coreografia e dramaturgia de Raquel Karro, divide com o público suas experiências ora diretamente, ora de forma subjetiva. Quando rememora seus tempos de atleta, a intérprete narra o medo e a insegurança que lhe atravessam quando precisa se apresentar na trave, que no espetáculo é representada por uma fita no chão.

Do acidente, Beatrice nada lembra. Suas recordações são do resgate, da chegada ao hospital, os médicos rasgando seu jeans favorito e a consciência de que competir nas Olimpíadas já não seria mais possível. Içada por um trapézio e vestindo asas de anjo, ela é iluminada enquanto o palco é envolto pela escuridão. Enquanto se movimenta no aparelho, em uma cena quase onírica, lê o boletim médico expondo as limitações às quais seu corpo de atleta estava submetido.

Ao “fugir com o circo”, seus músculos adquirem outra forma de pensar. O risco continua ali, mas assume significados para além da possibilidade de se ferir. Trata-se agora de se expressar, de narrar possibilidades de existir no mundo a partir da fusão de linguagens artísticas, como o teatro e dança, como no caso de “Porumtriz”. É um corpo consciente, que propõe uma narrativa e se lança na criação de projetos híbridos.

O espetáculo traça ainda um paralelo astuto entre o circo contemporâneo e o moderno ao apresentar vídeos de meados do século 20, nos quais circenses são exaltados por executarem números em alturas elevadas, sem proteção. Beatrice chega a se caracterizar como uma dessas figuras tradicionais e executa números em corda e trapézio, interage

com a plateia com sorriso no rosto e clamando os aplausos. As soluções cênicas são instigantes – o trapézio a 60 cm do chão brinca novamente com a ideia do perigo, pois mostra que a artista está mais na construção de imagens potentes.

“Porumtriz” parece focar, antes de tudo, em um corpo com muitas memórias, tanto físicas quanto afetivas, que continua a se colocar à prova. Evoca, assim, a resistência, a superação e o próprio fazer artístico, que move o criador a despeito dos perigos.